

Subjetividade encarcerada e o Sertão: a literatura como fonte de categorias para a Filosofia da Educação.

Incarcerated subjectivity and the Sertão: literature as a source of categories for the Philosophy of Education.

Subjetividad encarcelada y el Sertão: la literatura como fuente de categorías para la Filosofía de la Educación.

Miriam Saiki¹
Allan da Silva Coelho²

Resumo

Este artigo se inspira no estudo da obra literária “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, buscando elementos que colaborem nas reflexões da Filosofia da Educação sobre os fundamentos da formação do ser humano. Compreende-se que a formação do ser humano não se limita a aspectos que o mundo moderno convencionou chamar de educativos e a que a educação é um processo em que o humano se faz na mesma medida em que se constituiu uma leitura específica do conjunto da vida. A obra literária, em sua experiência estética, diferente da abordagem filosófica cartesiana da teoria acadêmica, permite se aproximar de nuances que por vezes perdemos ou não se parece possível de alcançar inclusive da formação do campo ético. Neste campo, a partir de um quadro teórico da Teoria Crítica, este ensaio teórico de natureza bibliográfica discute as relações entre o sertanejo e o Sertão na constituição de uma subjetividade encarcerada.

Palavras-Chaves: Literatura; Sertão; Jagunço; Subjetividade, crítica da modernidade.

Abstract

This article is inspired by the study of the literary work “Grande Sertão: Veredas”, by João Guimarães Rosa, seeking elements that contribute to the reflections of the Philosophy of Education on the foundations of the formation of the human being. It is understood that the formation of the human being is not limited to aspects that the modern world has agreed to call educational and that education is a process in which the human is made to the same extent that a specific reading of the whole of life has been constituted. . The literary work, in its aesthetic experience, different from the Cartesian philosophical approach to academic theory, allows us to approach nuances that we sometimes lose or do not seem possible to achieve including the formation of the ethical field. In this field, from a theoretical framework of Critical Theory, this theoretical essay of a bibliographic nature discusses the relationships between the sertanejo and the Sertão in the constitution of an incarcerated subjectivity.

Keywords: Literature; Sertão; Jagunço; Subjectivity, critique of modernity.

¹Universidade São Francisco - (USF). Itatiba/SP, Brasil. E-mail: miriam.saiki@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2320-479X>

²Universidade São Francisco – (USF). Itatiba/SP, Brasil. E-mail: allan.filos@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4898-9367>

Resumen

Este artículo se inspira en el estudio de la obra literaria “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, buscando elementos que contribuyan a las reflexiones de la Filosofía de la Educación sobre los fundamentos de la formación del ser humano. Se entiende que la formación del ser humano no se limita a aspectos que el mundo moderno ha acordado llamar educativos y que la educación es un proceso en el que lo humano se hace en la misma medida que se realiza una lectura específica del conjunto de la vida. sido constituido. La obra literaria, en su experiencia estética, a diferencia del enfoque filosófico cartesiano de la teoría académica, permite abordar matices que a veces perdemos o no nos parece posible alcanzar, incluida la formación del campo ético. En este campo, desde un marco teórico de Teoría Crítica, este ensayo teórico de carácter bibliográfico discute las relaciones entre el sertanejo y el Sertão en la constitución de una subjetividad encarcelada.

Palabras clave: Literatura; Sertón; Jagunço; Subjetividad, crítica a la modernidad.

Introdução

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens!
(João Guimarães Rosa, 1988, p.09)

Atentar para os ruídos, ora melódiosos e harmônicos ora estridentes e devastadores de Guimarães Rosa, desperta um insistente alerta sobre a natureza humana e a educação. Um universo em que o infinito e o finito se confundem, o bem e o mal se completam, pode apressadamente traduzir o paradoxo como uma congruência justificada.

Considerar que através de uma obra literária icônica permite uma reflexão profunda e inovadora sobre estes elementos centrais para a Filosofia da Educação se torna o ponto de partida para refletir³ na inspiração da obra “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa.

Nesta perspectiva, compreende-se que a formação do ser humano não se limita a aspectos que o mundo moderno convencionou chamar de educativos, como a escola, a prática pedagógica institucional e os aspectos formais de uma instituição educativa. Por mais que o mundo moderno proponha a distinção e autonomia de diferentes esferas da vida, como a política, a educação, o jurídico, o religioso, o estético, etc., todos estes elementos se

³ Este texto discute temas apresentados nos estudos da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USF, de autoria de Miriam Saiki, que tem como título: “Educação na poética jagunça – um dedo de prosa na narrativa do Grande Sertão” (2022).

concentram, na vida vivida no cotidiano, na pessoa humana. A educação é um processo em que o humano se faz na mesma medida em que se constituiu uma leitura específica do conjunto da vida.

Se a pergunta do fundamento da educação evoca a “forma” em que se constitui o ser humano, é possível discutir esta questão em diferentes perspectivas. Uma delas é a partir das afinidades entre a estética, a ética e a educação. Um exercício deste entrelaçamento é provocado na obra “Grandes Sertões: Veredas” (1988), em que Guimarães Rosa oferece pistas para tal. A obra literária, em sua linguagem estética, diferente da linguagem cartesiana da teoria acadêmica, permite se aproximar de nuances que por vezes perdemos ou não se parece possível de alcançar na argumentação dissertativa moderna. Trata-se de discutir o processo formativo, no sentido amplo de educação, a partir das imagens propostas pela literatura, enquanto elemento da cultura. Esta associação cultura e educação seria a formação por excelência.

Percorrer a trajetória poética no sertão rosiano demanda cuidado e cautela. O que parecia ser não era, a verdade metamorfoseada na falsa ideia, um mosaico criterioso de palavras cujo sentido se faz iluminar na narrativa instigante de seus personagens. A experiência e a retórica de Riobaldo, personagem central de Guimarães Rosa em “Grande Sertão” provocaram a necessidade de se considerar, nas reverberações formativas e nas estâncias do vivente do sertão brasileiro, os pressupostos estéticos e éticos possíveis de se vislumbrar vinculando-se a educação e o repensar desse caminho com os tempos da modernidade.

Seria um problema aprender com Riobaldo?

Transformar dúvidas em questionamentos. Inquietações provenientes da experiência da leitura literária. De que modo pode-se decifrar no protagonista, narrador e contador de histórias, Riobaldo, no Grande Sertão: Veredas, uma experiência ético-estética que reflete sobre a formação da subjetividade humana? O que expressa Riobaldo do sujeito sertanejo? Até que ponto os axiomas do racionalismo podem validar equivocadamente a identificação de seres humanos como: cândido, trouxa, pascácio o simplório, inculto, ignorante, inexperiente, insipiente ou desinformado pelos homens letrados?

É possível assentir que categorias sociais oriundas de um universo violento e rude denominado de jagunços ou matutos sejam capazes de portarem em si personagens considerados sublimes e íntegros numa manifestação despretensiosa do cotidiano e da vida?

Até que ponto a literatura imita a vida ou a vida imita a literatura? Partindo do alerta de Benjamin (1993, p.114) ao afirmar que “está claro que as ações da experiência estão em baixa”, é possível designar a narrativa de Riobaldo como um fortalecimento da experiência? A somatória das questões suscita o rumo desta conversa chamada de tese.

Nesta obra singular, surge uma constelação de categorias sociais pouco reconhecidas na linguagem acadêmica de um racionalismo formal do mundo moderno, porém, “categorias possíveis de serem vivenciadas e ressoadas na constituição de um sujeito que se manifesta através de uma Educação possível” (SAIKI, 2022, p.17).

Tal aproximação respeitosa inspira possíveis maneiras de pensar processos formativos reais que plasmam um tipo de sujeito por vezes captado somente pela compreensão ético-estética. Guimarães Rosa com maestria e sem desafino expõe com sutileza as estâncias do vivente do sertão. Uma toada cercada de altos e baixos, ao som insistente da natureza humana, a natureza tão contraditória, simples e complexa, singela e sofisticada, exuberante e ao mesmo tempo assombrosa.

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando, não é uma vida de sertanejo seja se for jagunço, mas a matéria vertente (...) Antes como as coisas que formaram passado por mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe (ROSA, 1988, p. 83/84).

A beleza da linguagem literária perscruta a sinuosidade da compreensão ética, escancarando mais dúvidas do que certezas racionais absolutamente modernas de uma perspectiva filosófica adestrada a seus limites. Assim, o sertão emerge não mais como imagem romântica, mas como categoria viva, pois não é mero cenário da vida, é a própria condição da vida. Sua objetividade mais concreta que marca dialeticamente a subjetividade, na qual bem e mal, coragem e medo, loucura e devaneio, justiça e crime, se entrecruzam com muito mais minúcias do que simples categoria complexas da Filosofia da Educação.

Se luzes, sombras e as suas vítimas ampliam os horizontes de plausibilidade da Filosofia da Educação (COELHO, 2018), olhá-la a partir de um sistema de jagunçagem, uma forma de exercício privado de um regime autoritário de dominação, provoca refletir sobre o agir ético quando se “impõe um funcionamento específico de justiça própria com a

inexistência do Estado de direito e a acentuação da marginalização social” (SAIKI, 2022, p.81).

Entre a rebeldia sertaneja e a obediência jagunça, o jagunço experimenta o limiar entre o bem e o mal, num sistema complexo da jagunçagem. Conceito filosófico sem relevância, mas talvez decisivo para determinada objetividade concreta do sertanejo, em discurso aparentemente sem linearidade racional, mas de forte sabor de vivência. O aparente não-formado, o tosco, o casca-grossa constitui-se sujeito em um processo formativo sutil, necessário e sistemático, sem necessidade de sua idealização.

Neste estudo, forja-se a compreensão de uma subjetividade encarcerada, como um processo formativo que questiona como e até que ponto é possível ser sujeito de sua própria vida ou tão somente atender as demandas que parecem se impor? É nesta margem do rio que

os saberes culturais fragmentados refletem na semiformação e de imediato numa pedagogia parcializada na escola contemporânea. Há um encantamento ou sedução da indústria cultural impossibilitando o pensar consciente e sem amarras. Há uma reprodução no cenário atual que imprime a aparente liberdade política, econômica e moral que não se concretiza. Em Riobaldo, não há um empobrecimento formativo, na medida em que ele se esconde sob a égide da bandeira da formação do indivíduo. Resguarda em sua alma a aura da poética. Nem tudo se ensina, nem tudo é capacitação quando não há redomas (SAIKI, 2022, p.132).

Discutir este processo formativo a partir da perspectiva ético-estética não supõe abandonar as categorias significativas da Filosofia da Educação, mas discuti-las desde a experiência do sertão. Para isso, a escolha de um método diferente, o ensaio.

Confrontar com a formalidade da metodologia científica para a academia numa abordagem que tenta descortinar gradativamente a ideia da preconcepção do conhecimento enquanto método, é um desafio. Sair a procura de uma leitura de mundo sob os atentos olhos de Guimarães Rosa, com a alma leve e pronta para acatar as vicissitudes do olhar, o *Ensaio* enquanto possibilidade investigativa para a reflexão sobre o humano é uma via possível de reverberar a Educação enquanto mote para se atingir a magnitude da sapiência humana.

O método deve denotar a produção do conhecimento de forma mais interdisciplinar e menos segmentada. Desta forma, o ensaio enquanto metodologia corre um risco de deslizar para um outro extremo, que é a falta de sentido. Causar estranhamento ou incômodo pode não

significar necessariamente a falta de sentido, mas indicar que a linearidade da compreensão foi prejudicada.

Theodor Adorno, ao considerar a relação entre a experiência e o ensaio, afirma,

A relação com a experiência – e o ensaio, confere à experiência tanta substância quanto a teoria tradicional nas meras categorias – é uma relação com toda a história; a experiência meramente individual, que a consciência toma como ponto de partida por sua proximidade, é ela mesma já mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica (ADORNO, 2003, p.26).

A escolha por um atalho metodológico se deu por vislumbrar que, “o ensaio tem a ver, todavia, com os pontos cegos de seu objeto” (ADORNO, 2003, p.44). Dentre as inúmeras faces do homem-humano, transitar em busca do desvendamento polissêmico de suas vozes, o ensaio enquanto método possibilitou apresentar através de uma linguagem poética e estética o encontro subscrito na alma do jagunço muitas vezes ocultas ou quase despercebidas pelo dogmatismo racional entre o homem e a natureza.

Consideremos, com Bruno Pucci, que

Para Guimarães Rosa, a dimensão estética ultrapassa o logos e a palavra vale pelo ritmo e melodia que produz: ela é a ousadia de expressar o inefável e o infando. (...) Rosa, pela arte de inventar termos novos, de brincar com a assonância do verbum, utiliza-se do conto e do romance na tentativa de rodear, de devassar esta coisa movente, perturbante, rebelde que é a existência dos homens (PUCCI, 2010, p.122).

Riobaldo apenas vive. Neste viver, estão condensadas todas as grandes questões da existência humana e também a sua miséria, em um processo no qual um bando se constitui no sistema jagunço frente outro bando, um sertanejo se forma sertanejo frente o outro e nas quadraturas das injustas relações sócio-históricas que não foram escolhidas, mas vividas.

A obra de Guimarães Rosa certamente inspira a pensá-la na perspectiva de uma constelação benjaminiana (BENJAMIN, 2011), significa dizer que há uma imagem na qual cada elemento é singular num emaranhado de coisas e possibilidades, emaranhado este em que cada extremo da linha se encontra com o seu oposto ou com seu similar. No traçado das linhas imaginárias delimita-se uma forma, uma configuração, um centro da constelação sintetizado no Velho Chico. Vê-se aqui em seu horizonte uma imensidão, um vazio, um silêncio e uma interrogação.

Benjamin em 1924 em *Origem do drama barroco alemão*, afirma que, “as ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas” (BENJAMIN, 2011, p. 57). As estrelas compõem um conjunto de linhas imaginárias que desenham um agrupamento constelar. Na verdade, elas se definem pela possibilidade de significados que o conjunto adquire ou o sentido que pode lhe ser atribuído.

Refletir as imagens constelares do pensamento de Benjamin significa evidenciar a plasticidade com que se organizam pequenos fragmentos, em seus ensaios ou aforismos, e quantas vezes sob formatos destoantes daqueles saberes autorizados pelos manuais ou saberes histórico-científicos. Guimarães Rosa, numa identidade retórica com o pensamento constelar lança fragmentos esparsos de um saber criptografado obrigando seu leitor à uma busca incessante de reorganização e verdade. Como diz Rosa: “digo, esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe, não sabendo, não entenderá” (ROSA, 1988, p. 132).

O sertão e o sertanejo: um processo de mútuo fazer-se.

Sertão-sertanejo formam um complexo sistema geopolítico, social e econômico sob a égide da Modernidade. Não são expressão de um atraso histórico, mas seu correlato imediato. Sertão é o termo que designa um local afastado, sem plantação, marcado pela seca. Também configura no imaginário brasileiro as ideias de desconhecido, de selvagem e do mítico dos tempos coloniais. Forma-se em referência ao processo de urbanização, em que o povoamento acontece no espaço puro ou bruto, sendo o sertão relacionado ao distante (tendo o mar como referência), o desabitado e o inculto.

Como afirma Saiki:

O grande sertão de Rosa, um mundão de Deus cercado de tentações demoníacas por todos os lados. Uma lente em punho, e as imagens ganham a nitidez necessária para as sensações e fatos se abrirem para o infinito, vislumbrando na curva de uma grande angular, um reconvexo recôncavo retorcido. Este é o sertão sem eira e nem beira (SAIKI, 2022, p.48).

A terra de ninguém, ao contrário do que se propõe, é a terra de alguém, forjada em uma luta incessante historicamente desde o século XV com a criação do sistema colonial português.

A construção histórica do sertão sertanejo se fez a partir de três pilares de sustentação: o latifúndio, a exploração humana ora escravagista, livre ou assalariada e a constituição do poder. Saiki afirma que se trata de uma roda viva ininterrupta, que se modificou somente em sua roupagem externa. Assim, “os azulejos lusitanos são as memórias demarcadas de uma tecnologia presente na colonização, o processo civilizatório em curso extrapola a denominação do momento, o jagunço, o cabra, o cangaceiro, o miliciano, o matador ou o sertanejo” (SAIKI, 2022, p.49).

Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de saber – nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza...” (ROSA, 1988, p. 8).

O processo de modernização sem uma face nacional, mas com infinitas faces de um mundo esganado pelo lucro, da materialidade indelével... Riobaldo permanece em seu sempre alerta das ideias, “mas eu acho que, homem só vendido ao dinheiro e ao ganho, às vezes são os que percebem primeiro o atíço real das coisas, com a ligeireza mais sutil. Ele não gaguejou” (ROSA, 1988, p. 379).

O mote da modernidade demonstra que “a construção da vida passa neste momento muito mais pela força dos fatos do que pelas convicções. [...] de fatos que quase nunca e em lugar algum chegaram a transformar-se em fundamento de convicções” (BENJAMIN, 2013, p. 9). Riobaldo precavido e desperto arremata, em meio às correntezas do rio, “os ‘gerais’ correm em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão, pães, é uma questão de opiniães... O sertão está em toda a parte” (ROSA, 1988, p. 01).

Saiki já afirmou que “tudo, em certo sentido, sugere que as suaves águas franciscanas reconhecem a ausência de empatia e igualdade entre todos os que compõem o sertão sem eira e nem beira. Uma prevalência secular de uma sociedade estigmatizada pela predominância e defesa do conservadorismo como subterfúgio e negação de seu espelho escancarado” (SAIKI, 2022, p.52).

É assim que, a garantia da harmonia do sertão se esconde na estética, “a gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos maiozinhos” (ROSA, 1988, p. 163). A ética compõe-se o passo a passo do cenário da sapiência humana. Em Umbuzeiros, Riobaldo em meio a um tiroteio defronta-se com Zé

Bebelo, chefe jagunço, num confronto de vida e morte, “um homem, coisa fraca em si, macia mesmo, aos pulos de vida e morte, no meio das duras pedras. Senti, em minha goela. Aquela culpa eu carregava?” (ROSA. 1988, p. 219). E continua: “Gritei firme, repeti. (...) Eu sei, eu sei? O senhor agora não vai entender. O como são as coisas. Todos me aprovaram – e, aí extraordinariamente, eu dei um salto de espírito. O que?” (ROSA, 1988, p. 219).

A ação prática não pode não ser práxis. Pois mesmo o absurdo exige algum grau de entendimento, uma razão de ser. Guimarães Rosa provoca: "Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para as más ações estranhas” (ROSA, 1988, p. 83). Ainda, pensava Riobaldo, “pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar.” (ROSA, 1988, p. 125).

A ética, como princípio orientador, que fundamenta uma espécie de código de conduta, faz-se presente gestando moralidade das regras de comportamentos, profundamente contextualizada a realidade do sertão, mesmo que na maioria das vezes incompreensíveis ou até mesmo indecifráveis diante de uma perspectiva lógica sertaneja, quando analisada a partir dos olhos da Modernidade, tão acostumada a iluminar a vida pela razão ao mesmo tempo em que oculta nas sombras sua desrazão violenta (COELHO, 2021).

Riobaldo conta uma de suas andanças na qual: “um dia, sem dizer o que a quem, montei a cavalo e saí, a vão, escapado. Arte que eu caçava outra gente, diferente. E marchei duas léguas. O mundo estava vazio” (ROSA., 1988, p. 251). Nesse tresloucado percorrido sem destino, por vezes, havia um incômodo o perseguindo. E afirma:

eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter. Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas, que é sem razão de motivo; que, quando notei que estava com dor-de-cabeça, e achei que por certo a tristeza vinha era daquilo, isso até que me serviu de bom consolo (ROSA. 1988, p. 251).

Em meio ao pensamento latente, Riobaldo pondera diante de um “correguinho que defrontei – um riachim à-toa de branquinho – olhou para mim e me disse: - Não... – e eu tive de obedecer a ele. Era para não ir mais diante. O riachinho tomava a benção. Apeei.” (ROSA, 1988, p. 251). Não pode ir além, entendeu um limite.

Na margem direita do Chico, em Januária, Zé Bebelo, chefe-jagunço, rasga um elogio à Riobaldo, “- Tu é tudo, Riobaldo Tatarana! Cobra voadeira...” e prossegue, “A ver, um dia, a gente vai entrar juntos, no triunfal, na forte cidade de Januária...” Ao que, este não lhe

respondeu, mas pensou, “Amigo? Eu, ali, do lado de Zé Bebelo; mas Zé Bebelo não estava do lado de ninguém.” Ligeiro e tenaz, Riobaldo a tudo compreendera, “aquele homem me sabia, entendia meu sentimento. A ser, que entendia meu sentimento, mas só até uma parte – não entendia o depois-do-fim, o confrontante” (ROSA, 1988, p. 296).

Mas é nas Veredas-Mortas, às margens esquerda do Velho Chico que Riobaldo faz o seu batismo de fé, coragem e de existência: “O Senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais. Ei, Lúcifer! Satanás dos meus Infernos!” (ROSA, 1988, p. 371). E a partir daí, todos “estranharam aqueles meus modos”. Riobaldo já é outro, como que em um encantamento, “num vem-vem de amor. Amor assim – o rato que sai dum burquinho: é um ratação, é um tigre leão!” (ROSA, 1988, p. 376).

Neste sentido, como constituir-se enquanto sujeito meramente a partir de uma única linguagem consentida? A aprendizagem da vida segue em suas águas abraçada aos litígios da ordem do dia. A abrangência de cada particularidade, talvez não esteja apenas em seu prólogo ou no desenlace, mas quem sabe em seu meio, transitando desordenadamente a sua consciência, o perambular entrelaçado da estética e da ética a caminho da educação. Riobaldo, ao se referir à travessia do rio admite: “digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe é no meio da travessia” (ROSA, 2001, p. 52).

Percorrer o sertão de Rosa em seu âmago, significa estabelecer diretrizes para o lugar de constituição da natureza humana. A estética em sua toada poética, em meio à natureza nua e crua. O descontrolo inusitado de um amor genuíno e desvairado. “Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. (...) Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora” (ROSA, 1988, p. 252). Riobaldo, deitado aos pés da Serra do Espinhaço, deleitava-se com o “pejo de vento – um vento com todas almas. Arrepio que fuxicava as folhagens ali, e ia, lá adiante, na baixada do rio, balançar esfiapado o pendão branco das canabrasas”(ROSA, 1988, p. 253).

Em sua leitura do mundo, a vida entre o bem e o mal, transitam incólumes a moral vigente com a garantia provisória de uma ética condescendente. "A gente viemos do inferno. Dos lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua substância alumiável, em trevas de véspera para o Terceiro Dia” (ROSA, 1988, p. 38). E totaliza em sua poética, “as chuvas já estavam esquecidas, e o miolo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios” (ROSA, 1988, p. 38).

“Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe” (ROSA, 1988, p. 343). É assim que o *transitare* demarca a ética da formação,

e de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mais e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades. (...) Como é que iam saber ter poder de serem bons, com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser? (ROSA, 1988, p. 342).

A composição estética em sua linguagem ao ultrapassar os limites sensoriais possibilita a apreensão ou percepção pelos sentidos como forma de conhecimento. Este contexto significa a possibilidade de aproximar dimensões profundas de si mesmo. O único caminho possível ao homem é aquele que o leva até ele mesmo. “Tanto tudo o que eu carregava comigo me pesava – eu ressentia as correias dos correames, os formatos- eu tinha avarezas dela” (ROSA, 1988, p. 39). Até concluir que, “Acho que eu provinha de excessos de ideia, pois caminhadas piores eu já tinha feito” (ROSA, 1988, p. 39).

A travessia de Riobaldo, longe da sombra da desrazão, permite a transparência quase cega de um excesso de luz pela verdade. Este enfrentamento ético gradativamente vai se transformando numa suave lamparina a guiar sem susto os seus medos e covardias como um verdadeiro sábio pela vida afora.

Como afirma Saiki,

Este é um meio, ou apenas duas partes de um só lugar. Um primeiro quinhão, o lugar do sertão em seus encantos e desencantos, ponderado em seu interior pelos sujeitos em seus acertos e desacertos, e numa segunda porção, o transitar aparentemente com múltiplos caminhos mas que acabam por desembocar no rio-mestre, respaldado pelo ética do sertão, a constituição de uma subjetividade encarcerada (SAIKI, 2022, p.66).

Em meio à dialética da aridez do sertão e da vida, ser jagunço exige desejo e compromisso de ser o que é, não como princípio de identidade grega, mas como existência nas contradições. Para Riobaldo, “em jagunço com jagunço, o poder seco da pessoa é que vale...” (ROSA, 1988, p. 67). Despídos da materialidade, mas imbuídos da matéria vertente, ser jagunço significa portar o seu *conatus* mais potente e seguir o tempo bom ou o tempo ruim, faça sol ou faça chuva, lutar pela vida e pela morte, porque, "O ruim com ruim

terminam por as espinheiras se quebrar – Deus espera essa gastança. Moço! Deus é paciência. O contrário é o diabo. Se gasteja. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece" (ROSA, 1988, p. 10).

A aparente lei do destino (às vezes expressa em leis da História mecanicamente determinadas) se confunde com o processo histórico e social em sua complexidade que permeia a formação, o desenrolar e o fim de cada um revela no público e no privado que o sujeito humano está muito além de um mecanismo. Como disse Saiki, “uma mescla de solavanco cruel perante a realidade e a romantização da vivência realça o indício ou vestígio de uma relação social patente e permanente, um limiar entre a servidão e a liberdade” (SAIKI, 2022, p.73).

O sistema jagunço ou o fenômeno da jagunçagem, conforme nomeia Bolle (2007, p. 4) “põe em cena bandos de criminosos exercendo o poder no planalto central do país”. Compreender o funcionamento das estruturas de poder, requer uma observação afinada, porque de um lado atua e institui em seu interior a esfera da lei e do crime, e por outro lado, representa legitimamente a manutenção e desempenho da garantia da carcaça desse poder.

É sob esta égide que o sistema jagunço vai se constituindo, suas regras, sem metas, sem tempo e sem compaixão.

O mundo jagunço equivale dizer que é o universo humano em sua capacidade de sobreviver na materialidade concreta da vida. Entrelaçado numa complexa relação social que na ponta do seu final resume a uma certa simplicidade complexa de viver um dia após o outro. A bestialidade exposta na brutalidade e a fúria beirando a selvageria. A bárbarie, não como ausência do Moderno, mas como seu efeito imediato, à flor da pele, numa batalha interminável pela vida e a sina do acaso. O cotidiano é a rotina do inimaginável: “o senhor não duvide – tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta (...)” (ROSA, 1988, p. 5).

A composição hierárquica do mundo jagunço se traduz num sistema de subordinação, fincado na mais pura lealdade entre seus pares. O sistema jagunço, um sistema político de se fazer justiça entre os sertanejos, uma prática historicamente usual. Através de alguns bandos que fizeram a sua fama e o seu nome é possível descrever e identificar as relações de poder estabelecidos, Rosa (1988) demarca territorialmente e seu modo de organização através dos bandos de jagunços listados por Riobaldo no decorrer de sua trajetória de vida.

Ao enumerar os sem-número de bandos que transitaram ao longo da vida e da morte pelo sertão dos gerais, Riobaldo narra a rotina da jagunçagem em suas contradições, afinidades, lealdades, traições, alegrias e tristezas. O jagunço neste limiar entre o bem e o mal. A saga da sobrevivência em habitar, existir e coexistir no mundo jagunço, encarcerado absoluto em seu sistema, se corporifica no “respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças” (ROSA, 1988, p. 2).

Há uma resignação ou uma fleuma quando se evoca a própria história ou memória, como uma sina do destino, a reprodução contínua e determinada da condição de servidão. A resiliência transformada em obediência. Para Riobaldo, “eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido” (ROSA, 1988, p. 8). Um aprendiz de retórica do poder: “Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto” (ROSA, 1988, p. 7).

Educação, palavra que indica um tempo presente distante das margens direita e esquerda do Velho Chico. “E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. Mal que em minha vida aprontei foi numa certa meninice em sonhos. (...) Aqui não se tem convívio de instruir” (ROSA, 1988, p. 16-17). Neste contexto, qual seria o lugar de Riobaldo na história, na memória e na educação?

Expressa-se em um caminho na subjetividade do sertão. “Vivendo, se aprende, mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras perguntas” (ROSA, 1988, p. 363). Saiki chama atenção que “Riobaldo tem a sua origem identificada como uma das trocentas crianças prisioneiras da miséria do sertão dos Gerais. Riobaldo pede esmolas nas barrancas do São Francisco para pagar promessas maternas de vida” (SAIKI, 2022, p. 85).

A morte de sua mãe, é uma referência para o início de suas travessias pela subjetividade que acena para uma emancipação, mas que acaba por desembocar em um encarceramento explicado por um pacto com o demo. Selorico Mendes, fazendeiro, leva Riobaldo, para morar na Fazenda São Gregório. Matricula-o na escola em Currálinho e inicia seus estudos com o mestre Lucas. Esta é uma condição nova em sua vida.

Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Currálinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei

bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismado de ladino. E que eu merecia ir cursar latim, em Aula Régia – que também diziam. Tem saudoso! Inda hoje, apreço um bom livro, despaçado! (ROSA, 1988, p. 7).

O letramento da vida não impõe a formalidade da ordem ou da desordem, a poética garante a tradução do aprendiz. Escolaridade é mais um detalhe apenas: “de ás, eu pensava claro, acho que de bês não pensei não. Eu queria o ferver. Quase mesmo aquilo me engrossava, desarrazoado, feito vício dum ruim prazer. Eu fazia minha raiva. Raiva bem não era, isto é: só uma espécie de despique a dentro” (ROSA, 1988, p. 104).

Absorver cada partícula que a vida impõe não é uma tarefa para amadores. As privações do sertão não justificam a condenação antecipada de seu nativo. O que assegura o seu *transitare* é o monitoramento ininterrupto e irrevogável de seu destino. Arremessar as amarras de seu destino, significa antes de tudo ter a consciência do “*I can*” ou “eu posso”. No universo masculinizado de Rosa, em Grande Sertão, Riobaldo acende a pequena luz de sua consciência, “de primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos (...) Mas agora, feita a folga que me vem. (...) E me inventei neste gosto, de especular a ideia” (ROSA, 1988, p. 3).

Mirar em seu ventre, atinar para a erudição e reconhecer em plena Veredas Mortas: “o que eu agora queria! (...) Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. Deus ou o demo? – sofri um velho pensar” (ROSA, 1988, p. 370). Para tudo se impõe um preço. A escolha demanda um atento olhar para o destino de uma subjetividade encarcerada.

Considerações

Tal reflexão filosófica, inserida na tradição da teoria crítica desde a América Latina, afirma a indistinção de fronteiras entre barbárie e civilização, onde uma começa e outra termina. Nesta tradição, literatura e filosofia estão imbricadas na tarefa de discutir a formação do humano, não como categorias ideais, mas na perspectiva da sina de suas vidas.

Esforça a tentativa de “desatar as amarras de uma subjetividade constituída nos porões de menoridade esclarecida” (SAIKI, 2022, p.131). A erudita cultura de Guimarães Rosa convida o olhar e a sensibilidade para a constelação do complexo universo do sertanejo em seu cotidiano aparentemente rotineiro mas que ampara em seu contexto atitudes e posturas de

solidariedade ou cordialidade inerentes ao apreço impresso na alma (SAKAI, 2021). Em realidade, bem e mal imbricados, trata-se de uma cultura que prevalece sobre a semicultura e uma formação que de fato está distante da semiformação.

A obra literária é um tipo estético. Muitas pessoas já defenderam que é possível problematizar a sociedade (sociologia) ou o pensamento humano (filosofia) a partir de uma obra literária. Por que não a educação?

A dimensão estética, que tem como fundamento o sentir, o afetar-se, é parte fundamental do ser humano. Vale lembrar que o estético também é processado pela inteligência humana, no conjunto da existência. Se a realidade pode ser captada de maneira objetiva, ela nunca é realidade em si mesma, mas entendida a partir de um mundo cultural com sentido construído/atribuído/essencial (seja lá qual for). Guimarães pode ser lido como uma possível interpretação do processo pelo qual o ser humano constitui-se formado justamente na dialética entre vida nua e crua e os processos culturais de atribuição do sentido. Riobaldo expressa os dilemas em que ética e educação se confrontam na vida, que podem ser melhor expressos pela experiência estética.

A leitura de sua obra permite perceber como o sentir estético e o problema ético do mal estão entrelaçados no processo pelo qual um ser humano constitui seu modo de ser no mundo, como jagunço, por exemplo. Como encarcerado. Como oprimido ou condenado da terra, à priori. Esta constituição é subjetiva, mas totalmente alicerçada na realidade objetiva do sertão. Objetiva, natural e social... é, ao mesmo tempo em que se constitui um sertão (como um universo de significações), que se constitui/forma/educa uma pessoa humana em sua subjetividade, que encarcerada na jagunçagem.

O sertão, longe de ser uma permanência história do atraso frente a Modernidade, é sua expressão dialética, uma expressão de sua contradição constitutiva. A inexistência do Estado de Direito e a reverberação do exercício privado de regimes autoritários de dominação apresentam-se mais como projeto, uma distopia que ameaça a se realizar hoje em dia como formulação política. No entanto, enquanto realidade existencial, é desafio desde sempre como dilema ético à subjetividade dos que o vivem. O sertão se constitui sertão pelo sertanejo ao mesmo tempo em que compreende na trama histórica permeada pelas margens dos rios e os bandos.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Teodor W. **Teoria da Semicultura**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. Revista Educação e Sociedade, Campinas: CEDES, ano XVII n. 56. P.24-56, dezembro 1996.
- ADORNO, Teodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades Editora 34, 2003. 176p.
- ADORNO, Teodor W. **Teoria da Semiformação**. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. Teoria Crítica e inconformismo: Novas perspectivas de ensino. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010. Cap. 1, p. 6-40.
- ADORNO, Teodor.; HORKHEIMER, Max. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1982.
- ADORNO, Teodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Zahar, 2006. 223p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 6. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOLLE, Willi. **Grandesertão.Br**: O romance de formação do Brasil. São Paulo: Editora 34, 2004.
- BOLLE, Willi. Guimarães Rosa – retrato da alma do Brasil. **Revista Pesquisa Fapesp**, 2001. Disponível em: < <http://revistapesquisa.fapesp.br/2001/10/01/guimaraes-rosa-2/>>. Acesso em 21/11/2018.
- CÂNDIDO, Antonio. **O homem dos avessos**. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: INL/Civilização Brasileira, 1983. p. 294-309. [Coleção Fortuna Crítica, n. 6]
- CÂNDIDO, Antonio. **Tese e antítese** (Ensaios). 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.
- COELHO, Allan da Silva. Horizontes de plausibilidade sob a crítica da filosofia: entre luzes, horrores e vítimas. **Rev. Reflexão e Ação**, vol.26, no.3, Santa Cruz do Sul, set./dez 2018, p.34-51.
- COELHO, Allan da Silva. **Capitalismo como Religião**: Walter Benjamin e os Teólogos da Libertação. São Paulo: Editora Recriar, 2021.
- GATTI, Luciano. **Constelações** – Crítica e verdade em Benjamin e Adorno. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 355 p.
- PUCCI, Bruno. Para Rosa com Adorno: a luta agônica da palavra e do conceito em busca do “quem” das coisas. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.8, p. 122-133, abr.2010.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 32^a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1988.

SAIKI, Miriam. **Educação na poética jagunça**: um dedo de prosa na narrativa do Grande Sertão. 2022, 141p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco/ USF, Itatiba, 2022.

ZANOTTI, Giovanni. A dialética negativa de Adorno como filosofia da possibilidade real. **PÓLEMOS** – *Revista De Estudantes De Filosofia Da Universidade De Brasília*, 7(14), 2019, 100–124. <https://doi.org/10.26512/pl.v7i14.23365>. Acesso 01/06/2022.

Recebido: novembro/2023.

Publicado: dezembro/2023.